

**URBANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: UM MUNDO PLANO OU
ACIDENTADO?**

Antonio Carlos Cipriani Dal Pizzol – PPGE/UNISINOS

E-mail: antiodalpizzol@yahoo.com.br

Angélica Massuquetti – PPGE/UNISINOS

E-mail: angelicam@unisinós.br

1 Introdução

Uma recente pesquisa divulgada pela Comissão Européia, e realizada pelo Banco Mundial, apontou que 95% da população do planeta se concentra em 10% da superfície terrestre. O estudo confirmou que, atualmente, e pela primeira vez na história, a população urbana é maior do que o contingente de pessoas que vivem em zonas rurais. A Comissão Européia encomendou a pesquisa, objetivando visualizar dados que lhe permitissem reformular conceitos de urbanização, baseando-se na acessibilidade das pessoas “remotas” aos núcleos de população. Na divulgação dos dados, as afirmações do órgão executivo comunitário deram conta de que as cidades são fatores que influenciam de maneira decisiva as economias nacionais, sendo a chave para o emprego, o acesso à cultura, à educação e à assistência sanitária (ESTUDO, 2008).

O trabalho da Comissão Européia confirma o irrefutável papel das aglomerações urbanas como modificadoras dos padrões de vida da população e do nível e velocidade do desenvolvimento, em sua dimensão mais ampla. Se os pólos urbanos dinamizam e aceleram o desenvolvimento, a consequência análoga é que esta aceleração aumenta o hiato entre estas zonas desenvolvidas e aquelas menos urbanizadas e, portanto, marginalizadas do processo de desenvolvimento. Mas, ora, as discussões relativas ao desenvolvimento econômico dos tempos atuais costumam celebrar que a chamada globalização tem tornado o mundo mais “plano”. Então, afinal, os efeitos multiplicadores do desenvolvimento observados nos pólos urbanos não seriam, neste caso, um contra-senso à teoria do mundo “plano”? Os efeitos sinérgicos das economias de aglomeração e escala não estariam aumentando as distâncias entre as regiões desenvolvidas e as estagnadas? A proposta deste artigo é gerar uma defrontação entre estes diferentes pontos de vista.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

Na primeira parte, serão expostos os principais argumentos de Thomas Friedman em seu livro *The World is Flat*, trabalho que se tornou referência no meio acadêmico por analisar, do ponto de vista das estratégias, os efeitos da conectividade e da interação econômica global. Nesse estudo, o autor identificou o que chamou de “pontos de convergência global”, pontos que se referem a aspectos que atuam para tornar o mundo mais igual, mais conectado, interligado e “plano”. Na teoria do mundo “plano”, vários elementos da nova configuração econômica, geográfica, política e cultural do planeta convergem em fases distintas, gerando como resultado líquido a inclusão de um contingente maior de pessoas no processo de desenvolvimento. Segundo Friedman (2006), a convergência das tecnologias e a relativa padronização de alguns hábitos de consumo (e mesmo hábitos culturais) tornaram muito mais democrático o acesso ao desenvolvimento, passando a ser menos importante o local onde as pessoas ou comunidades vivem.

Ampliando a análise e trazendo as conclusões de outra obra referencial, a segunda parte desse artigo mostra os estudos de Richard Florida, que demonstram a concentração do desenvolvimento sócio-econômico em algumas poucas regiões do planeta. Florida (2008) conduziu pesquisas ao longo de mais de vinte anos. O que seus estudos mostraram é que, na verdade, o mundo está longe de ser “plano”. A geografia econômica seria extremamente acidentada, formada por “picos” e “vales”, onde as pessoas vivem.

Em seu livro *Who's Your City?*, dados demográficos puros identificam as grandes concentrações urbanas do planeta, tanto em países desenvolvidos como em regiões menos ricas ou em desenvolvimento. A partir desta identificação, são combinados dados de renda (produto bruto das regiões), inovação tecnológica (estatísticas sobre registros de patentes), nível científico (análise dos locais-residência dos principais cientistas em várias áreas do conhecimento), nível de formação da população e até referenciais menos ortodoxos, como, por exemplo, imagens de satélite feitas à noite, que identificam os pontos do planeta de maior concentração e incidência de luminosidade, o que também identificaria as regiões concentradoras de maior atividade econômica, que o autor chama de mega-regiões.

A questão fundamental desse autor é que, à medida que o desenvolvimento se concentra e se acelera, as pessoas buscarão mais e mais viver nesses locais de destaque, aumentando, assim, as disparidades e diferenças entre os “picos” e os “vales” de desenvolvimento. Essa é, fundamentalmente, a problemática a ser enfrentadas por economistas, estudiosos e nações, em termos de equilíbrio de desenvolvimento na humanidade.

Na terceira parte, com o apoio de alguns referenciais teóricos de Economia Regional, são identificados alguns aspectos lógicos nas pesquisas dos dois autores, cujos objetivos estão voltados à discussão aberta sobre atualidade e tendências da organização espacial do mundo de hoje. Nota-se que não há base estatística pesada nos trabalhos, justamente porque as discussões são trazidas como prioridade; já os números são dados de suporte.

Uma conclusão ponderada é a de que não há necessariamente uma hipótese errada, mas que a abrangência de Florida (2008) é maior e mais realística ao enxergar o mundo acidentado. As convergências apontadas por Friedman (2006) são verdadeiras, mas ainda não tiveram efetividade suficiente para de fato transformar o espaço geoeconômico.

2 Os elementos de convergência global de Thomas Friedman

É inegável que a globalização padronizou alguns hábitos de consumo, facilitou o acesso de mais pessoas às tecnologias – em especial da comunicação – e ajudou a diminuir o nível de pobreza da humanidade, ampliando, entre outras coisas, a importância relativa do comércio internacional para a grande maioria das nações. Para alguns estudiosos, como Friedman (2006), esse processo de integração alcançou níveis ainda mais significativos. A globalização foi capaz de gerar uma série de efeitos-fatos – cujas forças propulsoras foram as tecnologias de comunicação – que conectaram mais as pessoas e as tornaram, de maneira geral, mais produtivas. A convergência das tecnologias e da produtividade e o aumento dos fluxos internacionais de mercadorias, serviços e informações estariam tornando o mundo mais integrado, parecido, “plano”.

Friedman (2006) identifica e propõe um novo modelo horizontal de criação de valor em um mundo conectado e criativo. Sua hipótese constrói um mundo “plano” a partir de dez características ou acontecimentos, quais sejam:

1. a *queda do Muro de Berlim* ao final dos anos 80, inaugurando uma tendência de governos mais democráticos, uma liberalização crescente do comércio internacional, uma certa globalização das práticas e condutas de política econômica e um caminho de padronização dos hábitos de consumo no planeta;
2. o advento da *internet*, a partir da massificação dos *browsers* comerciais de acesso à rede mundial de computadores, consolidando-a como a nova plataforma fundamental da informação;

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

3. as *tecnologias de fluxo de trabalho*, entre as quais as redes, os *softwares* de gestão, a comunicação entre departamentos, empresas e setores econômicos, sendo usadas globalmente e gerando integração, padronização das práticas de gestão e co-responsabilidade de gestão nas mais diversas esferas;
4. as chamadas *comunidades auto-reguladas e colaborativas*, com destaque para as comunidades virtuais criadas com a *internet*, as quais não se limitam a idiomas, fronteiras ou legislações e acabam por gerar grande partilha de conhecimento no mundo virtual, desde a circulação de informações corriqueiras até o desenvolvimento cooperativo de sistemas operacionais (movimento tipicamente de “baixo para cima”, nascido na demanda, como indica o autor);
5. a *terceirização* na indústria e, mais recentemente, nos serviços (um exemplo relevante é a migração, dos Estados Unidos para a Índia, de serviços e telemarketing, atendimento a consumidores e outros serviços). A combinação de computadores, *internet* e fibra ótica cria a possibilidade de novas formas de colaboração e criação de valor horizontal. Os serviços – e não somente os bens materiais – passam a ser contratados no mercado mundial;
6. *offshoring*, como sendo o fenômeno de transferência de produção das empresas em função de custos, fundamentalmente de mão-de-obra mais barata, integrando países a determinadas cadeias de fornecimento global;
7. a *nova cadeia de fornecimento*, em escala não mais local ou nacional, mas sim global, com a respectiva necessidade de gestão de informações globais, gerando o desenvolvimento de sistemas para sua operacionalização remota e irrestrita. Passa a haver colaboração horizontal entre fornecedores, varejistas e consumidores, visando à criação de valor em cadeia. A integração se aprofunda e converge em padronização das práticas corporativas;
8. *insourcing*, termo usado pelo autor para explicar que a globalização permite que, atualmente, empresas pequenas possam competir com empresas grandes à medida que têm acesso mais facilitado às mesmas tecnologias, informações e mercados consumidores. O mundo “plano” permite que empresas pequenas também se insiram na dinâmica do mercado global;
9. a *cadeia de fornecimento pessoal*, como sendo as relações físicas e virtuais que uma pessoa estabelece com o mercado, estando esta cadeia não mais limitada à cidade, região ou país. A *internet* permite que o indivíduo consuma (compre) em

qualquer lugar do mundo e conviva ou trabalhe com pessoas de qualquer lugar, da mesma forma; e

10. por fim, o que o autor chama de *esteróides*, que são basicamente as tecnologias remotas complementares à *internet*, que incrementam as comunicações no planeta, como a *internet* remota (*wireless*), a mobilidade, a tecnologia digital, a nanotecnologia etc.

A combinação dos elementos explicados acima permitiria que houvesse um dinamismo maior na mobilidade das pessoas e empresas, pois, segundo o ponto de vista de Friedman (2006), a globalização, as tecnologias de comunicação e a padronização das práticas de gestão tornam menos importante a questão do local, permitindo que pessoas e empresas se preocupem menos com a questão da localização.

2.1 Ondas de convergência globais

A partir das dez ocorrências citadas, Friedman (2006) descreve, na conclusão da teoria do mundo “plano”, três ondas de convergência, em termos dos efeitos agregados que estariam tornando o mundo definitivamente “achatado”:

1. a primeira onda de convergência diz respeito à atuação sinérgica das dez “forças de achatamento global” descritas pelo autor. As forças integradas geram, em definitivo, um novo ambiente competitivo, mais dinâmico, democrático e variado;
2. a segunda onda de convergência refere-se, em especial, às novas formas de fazer negócios, aos modelos mais horizontais e à menor importância do local para fazer negócios; e
3. a terceira onda de convergência, como resultado líquido do achatamento do mundo, é o acesso de um imenso e novo grupo de pessoas, predominantemente dos países em desenvolvimento e em especial da Ásia, ao ambiente competitivo.

De maneira conclusiva, Friedman (2006) aponta como contundentes as ondas de convergência e finaliza que são elementos significativos para estabelecer que o mundo de fato se tornou mais “plano”.

3 Richard Florida e a identificação de “picos” e “vales” na análise do espaço geoeconômico

A idéia fundamental demonstrada por Florida (2008), em seu ensaio sobre localização e desenvolvimento, é que as regiões mais produtivas do planeta possuem um efeito de aglomeração que é autopropulsor de mais renda, inovação, riqueza e desenvolvimento. À medida que isto acontece, agravam-se as diferenças entre as zonas desenvolvidas e aquelas marginalizadas, vindo a ser este o grande campo de trabalho para formadores de políticas públicas.

Segundo o autor, é um mantra da era da globalização considerar que o local onde as pessoas vivem não importa muito. Que se poderia trabalhar tão eficientemente num chalé nas montanhas geladas de Aspen ou numa casa de campo em Provence, quanto num moderno escritório no Vale do Silício, na Califórnia. Seguindo este mantra, isto não faria muita diferença desde que se contasse com conexão remota à *internet* e telefone celular. Na opinião do autor, “esta é uma noção atraente, mas errada” (FLORIDA, 2008, p. 9).

Nos dias de hoje, os fatores econômicos fundamentais – talento, inovação e criatividade – não estão distribuídos equitativamente pela economia do mundo. Estão, ao contrário, concentrados em locais específicos. Na economia criativa dos dias atuais, a verdadeira fonte do desenvolvimento econômico vem da concentração e da aglomeração de talentos e pessoas produtivas. Novas ideias são geradas e a produtividade aumenta quando as pessoas se localizam próximas umas das outras, em grandes cidades e regiões. Essa força de aglomeração as torna mais eficientes, o que, por sua vez, faz do lugar onde vive uma concentração muito mais produtiva, gerando maior renda e riqueza.

Devido às forças de aglomeração, as cidades e regiões têm se tornado os motores do crescimento econômico. Atualmente, mais da metade da população do planeta vive em zonas urbanas e, nos Estados Unidos, mais de 90% da geração de renda é obtida nas regiões metropolitanas.

Florida (2008) procura basear suas hipóteses em dados, os quais são apresentados na sequência. Três são as ideias principais alicerçadas por seus estudos:

1. apesar dos efeitos da globalização e da alegação do mundo “plano”, o local é um aspecto, realmente, muito importante para a economia global, hoje mais do que nunca;

2. os lugares estão crescendo de maneira mais especializada e de forma distinta. Desde a estruturação econômica até o mercado de trabalho, passando pela qualidade de vida, o local oferece todos esses elementos à vida da população e sua forma atrai perfis diferentes de pessoas para ali viverem;
3. as pessoas vivem em uma sociedade extremamente móvel, dando opções sobre onde viver e construir carreiras - e vidas.

3.1 O mundo acidentado

O mais óbvio e maior desafio à hipótese de que o mundo é “plano”, é o explosivo e contínuo crescimento das cidades e zonas urbanas ao redor do mundo. Mais e mais pessoas estão se aglomerando em áreas urbanas e não há evidências de que esse movimento se alterará no curto prazo. O crescimento populacional não é o único indicador de que o mundo não é “plano”. Existe também no planeta uma concentração extrema da atividade econômica e da inovação. Se consideradas somente regiões populosas, economicamente importantes e inovadoras, a constatação é que o mundo hoje é polarizado por um número bastante pequeno de lugares. Aparentemente, as regiões de “pico” parecem tender a se distanciar cada vez mais daquelas onde a atividade econômica, a inovação e as pessoas estão estagnadas.

Florida (2008) pondera que a globalização tem obviamente gerado efeitos catalisadores. Lugares que antes nunca haviam tido a oportunidade de participar da economia global agora vem tendo suas chances. Mas a constatação do autor é que a globalização tem dois lados: o primeiro e mais óbvio é a dissipação geográfica de funções econômicas básicas, como a manufatura simples ou serviços elementares; o segundo, menos óbvio, é a tendência de que atividades econômicas de alto nível, que envolvam inovação, *design*, finanças e mídia se concentrem em número relativamente pequeno de locais.

Com base nos estudos realizados, as medidas tradicionais de população e densidade demográfica, somadas a novas medidas de níveis de atividade econômica, inovação e renda mostram, exatamente, a extrema concentração do mundo atual dito globalizado. Existem, grosso modo, dez ou vinte regiões que dominam a economia global, segundo Florida (2008). A sequência do estudo trata de apresentar dados que demonstrem os “picos” e os “vales” do planeta Terra.

3.2 População concentrada e o “mundo à noite”

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

A Figura 1¹ mostra a distribuição da população ao redor do mundo. Ela identifica, pela concentração populacional, as mega-regiões, sendo que Nova Déli é a região mais populosa do planeta, concentrando mais de 120 milhões de habitantes. Há no mundo seis regiões com população superior a 50 milhões de habitantes e outras dez zonas possuem entre 25 e 50 milhões de habitantes². Porém, a população de forma isolada pode não significar muito, visto que há locais muito populosos no planeta cuja atividade econômica é muito pouco significativa. Portanto, precisa-se considerar variáveis econômicas nesse estudo.

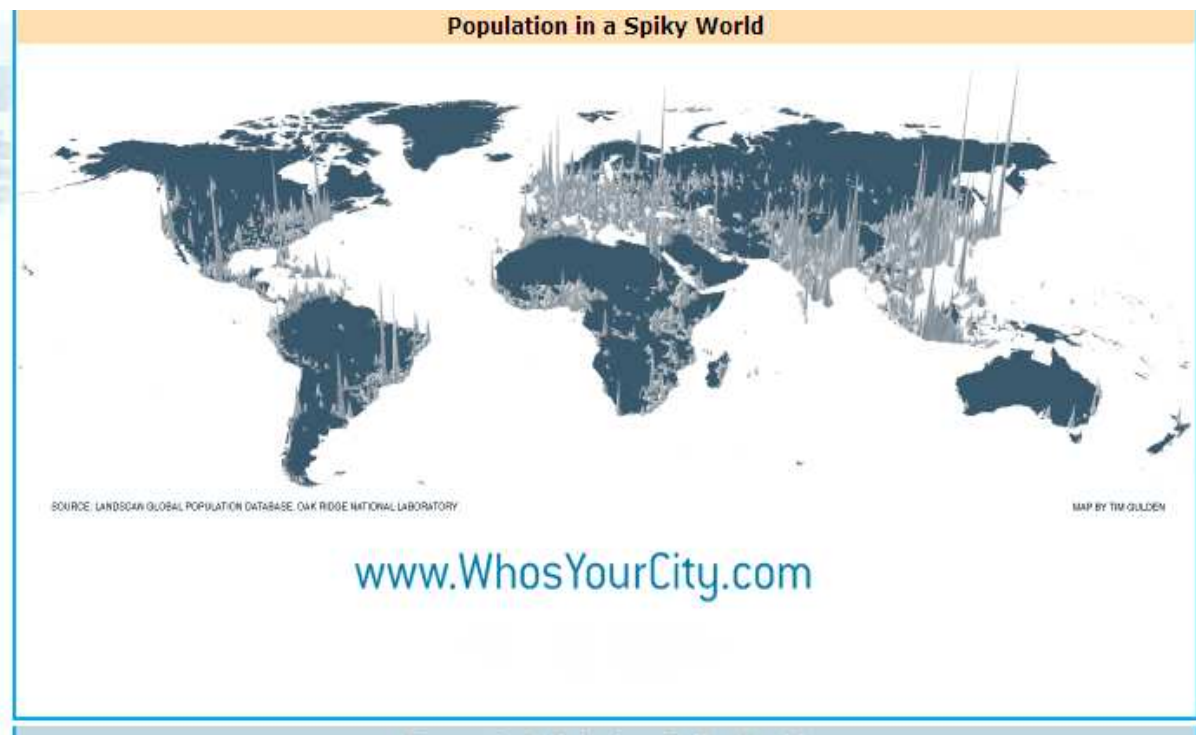


Figura 1 – População em um mundo acidentado
Fonte: Florida (2008, p. 21).

¹ Para a elaboração das figuras foi utilizado o *Defense Meteorological Satellite Program*, um sistema de acompanhamento meteorológico do governo norte-americano. Foram mapeados os pontos contíguos de luminosidade e pesquisadas as fontes da emissão de luz – residências, fábricas, ruas iluminadas e outros. Foi possível estimar o volume de atividade econômica de cada região, usando uma série de técnicas estatísticas e espaciais (CREATIVE, 2008).

² Maiores mega-regiões do planeta em número de habitantes: Nova Delhi-Lahore (121,6 milhões), Shanghai (66,4 milhões), Amsterdam-Bruxelas-Antuérpia (59, 3 milhões), Grande Tokyo (55,1 milhões), Boston-NY-Washington (54,3 milhões), Londres-Leeds-Manchester (50,1 milhões), Milano-Turim (48,3 milhões), Seoul-San (46,1 milhões), Chicago-Detroit (46 milhões), México City (45,5 milhões), Hong Kong-Zhenguo (44,9 milhões), Rio-São Paulo (43,4 milhões), Beijing (43,1 milhões), Osaka-Nagoya (36 milhões), Tel-aviv-Beirute (30,9 milhões), Barcelona-Lyon (25 milhões) (FLORIDA, 2008).

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

A Figura 2 apresenta uma variação de “picos” e “vales” para a famosa ilustração do mundo à noite, com grandes concentrações de luminosidade (e, portanto, de energia consumida).



Figura 2 – Atividade Econômica em um mundo acidentado
Fonte: Florida (2008, p. 23).

Observa-se que a economia global toma forma em torno de pouco mais de vinte mega-regiões. Ganham destaque a região de Tóquio, no Japão, e a região da zona de Boston-Nova Iorque-Washington, nos Estados Unidos, além de uma série de outros locais na América do Norte e na Europa.

3.3 Os locais “inteligentes”

A população e a atividade econômica geram intensos picos em seus mapas, mas a inovação – motor do desenvolvimento econômico – é ainda mais concentrada. A Figura 3 apresenta a localização das inovações no planeta, dada pelas patentes registradas ao redor do mundo.

O mapa da inovação mostra, claramente, um mundo composto por poucos “picos” inovativos e imensos “vales”. Os líderes – os “picos” mais elevados – são as regiões metropolitanas de Tóquio, Seul, Nova Iorque e outras cidades dos Estados Unidos, como

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

São Francisco, Boston, Seattle, Austin etc. Na Europa, também se destacam Paris, Berlim, Estocolmo, entre outras.



Figura 3 – Inovação em um mundo acidentado
Fonte: Florida (2008, p.26).

O que Florida (2008) informa é que as regiões líderes em inovação são caracterizadas por ecossistemas sociais dotados de universidades de ponta, grandes corporações privadas, mercado de trabalho dinâmico e vida cultural intensa. Mas não é só a inovação que é bastante concentrada. O autor apresenta a Figura 4, resultado da identificação dos locais de residência de 1.200 cientistas líderes em suas áreas de pesquisa. O local de residência de cientistas é importante porque supõe a probabilidade de que novas e contínuas inovações científicas e tecnológicas continuem ocorrendo nestes lugares, retroalimentando continuamente o desenvolvimento. O mapa mostra algumas cidades dos Estados Unidos e da Europa, quase sem exceções, como sendo os locais de moradia dos principais cientistas do planeta.



Figura 4 – Residências de cientistas em um mundo acidentado
Fonte: Florida (2008, p. 29).

Florida (2008) destaca as similaridades entre o terceiro e o quarto mapas, sendo esse um resultado esperado, uma vez que a inovação comercial e o avanço científico se encontram igualmente concentrados, em muitos casos, nos mesmos locais. No entanto, observa que nem todas as regiões possuem boa performance nos dois dados. Algumas cidades (fora dos Estados Unidos e da Europa) conseguem apresentar importância em inovações comerciais, mas não possuem contingentes importantes de cientistas. Elas serão, provavelmente, mais dependentes das revoluções científicas feitas em outros locais.

3.4 Analisando os “picos” e os “vales”

Ao examinar os quatro mapas em conjunto, um padrão intrigante fica evidente: se adicionadas as camadas dos picos de cada mapa, haverá, ao final, um mundo extremamente acidentado, com “picos” altíssimos e “vales” enormes. São nesses locais que mais e mais pessoas, segundo o autor, têm tendido a desejar viver. As pessoas e as empresas criativas se aglomeram em função das vantagens de produtividade, economias de escala e transmissão de conhecimento que essa densidade costuma proporcionar.

Inovação, desenvolvimento econômico e prosperidade ocorrem com maior intensidade em locais que concentram e atraem pessoas talentosas e inovadoras. O que acaba a acontecer, devido ao fato da globalização aumentar os retornos das inovações – por permitir

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

que novidades comerciais tenham visibilidade e alcance global –, é que o distanciamento entre os locais concentradores (“picos”) e os demais (“vales”) potencializa-se ainda mais.

De maneira conclusiva, Florida (2008) resume a paisagem do mundo acidentado por quatro diferentes tipos de locais, a saber:

1. o primeiro grupo é o dos “picos” do planeta, um pequeno número de locais que geram inovações, concentram contingentes importantes de pessoas e cientistas e possuem uma dinâmica econômica considerável. Esses locais têm capacidade para atrair mais e mais pessoas, continuar gerando conhecimento e desenvolvimento. São localidades que têm acentuada interligação entre si, devido ao grau acelerado de desenvolvimento tecnológico e cultural;
2. o segundo grupo inclui regiões mais estáveis em inovação e avanço científico, locais que estão num bom patamar em termos de mundo, mas abaixo dos “picos” do planeta. São locais bastante produtivos, mas que dependem, normalmente, das inovações de outros lugares, limitando-se, muitas vezes, à produção industrial das inovações;
3. o terceiro grupo é formado pelos “picos” aparentes das regiões localizadas em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, regiões muito populosas, mas com grau insipiente de inovação. São regiões que ainda precisam melhorar sua eficiência como um todo para se tornarem mais atraentes; e
4. por fim, estão os imensos “vales”, áreas rurais ou urbanas pouco desenvolvidas, pouco habitadas, vivendo às margens da inovação e da economia criativa.

O mundo acidentado da forma que é, atualmente, é para Florida (2008) um grande dilema para economistas e formadores de políticas públicas. O progresso econômico requer que os “picos” do planeta continuem crescendo intensamente, mas esse crescimento parece só exacerbar as disparidades sociais e econômicas, fomentando reações políticas em várias esferas. Somente compreendendo a natureza acidentada da economia de hoje, e reconhecendo as disparidades e tensões inerentes aos “picos” e “vales”, é que políticas adequadas poderão ser criadas – visando “erguer” os “vales” sem sacrificar os “picos”.

4 Contribuições das teorias de Economia Regional para o entendimento das hipóteses do mundo plano e do mundo acidentado

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

O fator espaço é um importante elemento na análise econômica em razão da percepção de que os processos de industrialização e de urbanização das regiões têm ocorrido de modo desigual, causando um crescimento das desigualdades regionais da renda *per capita*. As disparidades regionais são agravadas pelo crescimento desigual, independentemente das fronteiras regionais determinadas pelo pesquisador. Assim, na busca pelo desenvolvimento econômico, os estudos acerca das causas dessas disparidades são mais importantes do que a delimitação de cada região.

Nesse sentido, a concentração e a centralização do capital industrial, a aglomeração geográfica das atividades econômicas, a desigualdade da distribuição pessoal e regional da riqueza e da renda, entre outros, surgem como preocupações atuais no campo da Economia Regional. As atividades econômicas e suas localizações em relação a outras atividades (problemas relacionados à proximidade, à concentração e à dispersão) são analisadas a partir dessas questões (FERREIRA, 1989; POLÈSE, 1998).

Atualmente, admite-se amplamente a importância do entendimento da disponibilidade e da alocação de recursos para o atingimento do desenvolvimento econômico. Esse reconhecimento é provado nos estudos de Friedman (2006) e de Florida (2008), os quais discutem a configuração econômica do mundo sob o aspecto locacional.

A abordagem locacional, de acordo com Polèse (1998), investiga os fatores de localização dos agentes econômicos e a maximização dos lucros no espaço, sem deixar de levar em consideração que o espaço é descontínuo, ou seja, constituído por uma matriz de localizações possíveis para as atividades econômicas. Os fatores locacionais, portanto, envolvem a análise das teorias econômicas gerais e também daquelas que enfatizam, especificamente, as consequências das distâncias, dos custos de deslocamento, da localização geográfica e da concentração e aglomeração das atividades no espaço geográfico.

As problemáticas da concentração do capital industrial e da aglomeração das atividades econômicas em poucas regiões (distribuídas irregularmente) tornam-se, nesse contexto, alguns dos principais desafios das investigações desse ramo da ciência econômica. Os autores analisados nessa pesquisa dão suas contribuições para esse debate – talvez menos preocupados com o rigor científico de suas percepções e mais voltados para os entendimentos dos fenômenos locacionais da atualidade.

Na análise regional, os agrupamentos ou aglomerações de atividades econômicas, sociais, políticas, administrativas etc. são analisados por meio da construção de uma unidade

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

de análise econômica que, por sua vez, deve ser compreendida como o resultado de fenômenos econômicos, tecnológicos, sociais, políticos, institucionais etc. que se encontram além da própria área geográfica, mas intimamente correlacionados e, na maioria das vezes, subordinados a ela. Dada a importância da unidade de análise econômica, cabe refletir acerca das unidades convencionadas pelos estudos dos autores.

Enquanto Friedman (2006) não se preocupa com essa limitação, Florida (2008) cria as mega-regiões, definindo-as como sendo áreas contíguas de intensa luminosidade, captadas por satélite, envolvendo mais do que uma importante região metropolitana. Segundo o autor, mega-regiões são mais do que somente uma versão maior de uma cidade, pois são locais que concentram pessoas, desenvolvimento, renda, inovação e cultura. A teoria espacial defende que, para se realizar qualquer análise espacial, é necessário, de fato, convencionar unidades básicas de observação, como fez Florida (2008) na definição das mega-regiões. A habilidade do autor foi criar uma unidade de observação sem limitá-la a algum aspecto político ou legal (uma fronteira, por exemplo). A observação espacial por satélite, baseada na luminosidade das cidades à noite, permite uma análise sem limites imaginários, enxergando os aglomerados urbanos como eles de fato são.

Do ponto de vista dos espaços econômicos, Perroux (1977) os visualiza como um conjunto de relações (econômicas, sociais, institucionais, políticas etc.) que se estabelece a partir da atividade humana e que define um objeto de interesse no campo da Economia. Para Boudeville (1972), o espaço econômico apresenta características dinâmicas, mesmo sendo considerado um espaço geográfico “estável”, já que as atividades econômicas são dinâmicas em razão, por exemplo, dos avanços tecnológicos. A região, por outro lado, é estabelecida por meio da existência de um efeito de contiguidade estatisticamente mensurável, sendo imprescindível a consideração da região dentro dos limites políticos-administrativos que lhe são pertinentes. As contribuições desses autores legitimam as mega-regiões de Florida (2008).

É importante ressaltar que as teorias de desenvolvimento regional, desde a década de 1950, inspiraram as políticas públicas de desenvolvimento em razão do novo paradigma produtivo sustentado na automação integrada flexível e no processo de abertura e de desregulamentação econômica e comercial. Essas teorias passaram a analisar as externalidades resultantes da aglomeração industrial. De acordo com Hirschman (1977), Alfred Marshall representou uma importância influência teórica para os pesquisadores da temática regional ao ser um dos pioneiros na investigação da aglomeração de atividades

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

como um fator responsável pela localização de novas atividades econômicas. Para Krugman (1998, p. 49-50), “a idéia de que a aglomeração de produtores numa localização em particular traz vantagens, e que estas vantagens, por sua vez, explicam a aglomeração, é antiga. Eu não sei quem primeiro a explicitou, mas o economista que mais fez por ela foi ninguém menos do que Alfred Marshall”. Marshall (1982, p. 229) tratou, além dos ganhos de escala internos à firma, a questão das externalidades:

Muitas das economias na utilização de mão-de-obra e maquinaria especializada não dependem do tamanho das fábricas individuais. Algumas dependem do mesmo gênero de fábricas na vizinhança; enquanto outras, especialmente relacionadas com o adiantamento da ciência e o progresso das artes, dependem principalmente do volume global de produção em todo o mundo civilizado.

Em relação às concentrações, nenhum dos autores abordados nessa investigação mencionou as chamadas deseconomias de escala, ou seja, as perdas e problemas gerados pela excessiva acumulação de pessoas. As disparidades dos níveis de desenvolvimento e os crescentes problemas urbanos, vindos do crescimento acelerado das populações das cidades, devido ao intenso processo de migrações rurais-urbanas, colocam-se entre os principais problemas do desenvolvimento sócio-econômico. De qualquer maneira, o que se sabe de outros estudos é que o resultado das aglomerações pode ser considerado ambíguo, sendo que em algumas grandes cidades há sérias deseconomias geradas pela violência urbana, pelo trânsito, pela poluição, pelo maior custo de vida etc. No entanto, em outras, apesar do custo financeiro da vida ser sempre maior, não há tantas perdas de qualidade de vida.

Sendo assim, ao se pensar na escolha de localização das pessoas, fato gerador da concentração, é possível entender a lógica por trás das grandes aglomerações. Construindo um raciocínio, percebe-se que a primeira intenção das pessoas é a redução dos custos de transportes a montante e a jusante de suas atividades (POLÈSE, 1998). Os custos de transporte podem ser entendidos também como de deslocamento ou outros custos de oportunidade. A intenção da minimização destes custos é o primeiro motivador das pessoas a se concentrarem nos “picos”. Hoover (1970) apontou as economias de escala, de localização e de urbanização como aspectos otimizadores da produtividade e, portanto, preponderantes para a escolha de localização das empresas (e das pessoas). É esta a análise de Friedman (2006), ampliada para a questão da inovação e atualizada para os dias de hoje.

Por fim, segundo PRB (2007), deve-se observar que o mundo está se convertendo num meio cada vez mais urbano, já que a metade da população mundial encontra-se nas áreas urbanas. No entanto, de acordo com os níveis de urbanização, há uma grande diferença entre

as regiões dos diversos continentes: por um lado, as regiões mais desenvolvidas e América Latina e o Caribe apresentam mais de 70 por cento da população residindo no meio urbano; por outro lado, a população urbana na África e na Ásia é menor do que 40 por cento. Por esse motivo é necessário considerar que as desigualdades na distribuição de renda, riqueza e oportunidades não são significativamente atenuadas pelo desenvolvimento, pois a industrialização e a modernização tendem a ocorrer de forma concentrada, acentuando a ocupação espacial desigual da população.

5 Considerações finais

Para visualizar um mundo “plano”, Friedman (2006) identificou fatos acontecidos nos últimos tempos que evidentemente transformaram de maneira radical as relações sociais e econômicas, tendo efeitos irreversíveis na maneira de as pessoas trabalharem, se comunicarem e conviverem. A questão que se avalia, do ponto de vista deste artigo, é se as convergências apontadas por Friedman (2006) transformaram também as decisões das pessoas sobre onde viver. E o que os estudos têm mostrado é que não. Os grandes centros urbanos continuam recebendo mais e mais pessoas, indiferentes às possibilidades do mundo plano, de comunicação multimídia, acessos remotos e conectividade móvel.

Florida (2008) partiu de outro ponto de vista e conseguiu resultados mais abrangentes e realísticos em termos da fotografia da economia espacial e da urbanização contemporânea. Adotando uma metodologia curiosa, chegou ao esperado: por um lado, grandes centros modernos, atraentes, dinâmicos e caros, atraindo mais pessoas, mais estudantes, mais profissionais, mais cientistas; por outro, regiões estagnadas, na incógnita do futuro. O conceito de mega-regiões é uma proposição também interessante, útil para o entendimento dos processos de urbanização. Em seu estudo, Florida (2008) peca ao não consolidar suas medições em um mapa único e consolidado. Deixa os agregados para a imaginação do leitor.

O fato é que as discussões trazidas pelos autores fazem diagnósticos, mas não prognosticam receitas para minimizar o problema da concentração e da marginalização, questões-chave nos estudos de economia espacial e regional. Essa missão permanece incólume e, aparentemente, os problemas relacionados à aglomeração ainda não pararam de acelerar.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Temas Especiais (3) - Desenvolvimento social

Referências bibliográficas

BOUDEVILLE, Jacques R. **Aménagement du Territoire et Polarisation**. Paris: Libraires Techniques, 1972.

CREATIVE Class. **Who's Your City**. Disponível em:
<http://creativeclass.com/whos_your_city>. Acesso em: 19 dez. 2008.

ESTUDO: 95% da população estão em 10% da Terra. **Terra Notícias**, 17 dez. 2008.
Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI3398609-EI294,00.html>>.
Acesso em: 17 dez. 2008.

FERREIRA, C. M. Espaço, Regiões e Economia Regional. In: HADDAD, P. (org.). **Economia Regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1989. p. 45-65.

FLORIDA, Richard. **Who's Your City?** 1. ed. New York: Basic Books, 2008.

FRIEDMAN, Thomas. **The World is Flat**. 2. ed. New York: Perseus Books, 2006.

HIRSCHMAN, Albert. Transmissão inter-regional e internacional do crescimento econômico. In: SCHWRTZMAN, J. **Economia regional** – textos escolhidos. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1977.

HOOVER, Jr., Edgar M. The partial equilibrium approach. In: DEAN, Robert D. (Ed.). **Spatial Economic Theory**. New York: The Free Press, 1970.

KRUGMAN, Paul. **Development, Geography and Economic Theory**. Massachusetts: MIT Press, 1998.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de Economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os Economistas).

PERROUX, François. O conceito de pólo de crescimento. In: SCHWRTZMAN, J. **Economia Regional** – textos escolhidos. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1977.

POLÈSE, Mário. **Economia Urbana e Regional**. 1. ed. Coimbra: APDR, 1998.

PRB – Population Reference Bureau. **Cuadro de la Población Mundial 2007**. Disponível em: <<http://www.prb.org>>. Acesso em: mar. 2009.

ROLIM, C.F.C. **Espaço e Região: um retorno aos conceitos originais**. CAEN-UFC: Fortaleza, 1989. Texto para Discussão n. 80.